

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

A DESINFORMAÇÃO TEM GÊNERO? CONTEXTO DA DESINFORMAÇÃO APLICADA AO GÊNERO

DOES DISINFORMATION CONCERN GENDER? *DISINFORMATION CONTEXT APPLIED TO GENDER*

Cibele Andrade Nogueira – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Luana Carla Martins Campos – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Roger Pereira Domingues – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A desinformação de gênero pode ser considerada como um fenômeno orquestrado notoriamente por grupos de supremacia masculina com o intuito de atacar mulheres que fogem ao padrão ideal propagado por estes grupos, seja este padrão físico ou de valores tradicionais. Neste estudo, de caráter exploratório e qualitativo, foi efetuada uma pesquisa em uma base de dados brasileira de destaque na Ciência da Informação, utilizando os descritores “desinformação” AND “gênero” e “desinformação de gênero” com o objetivo de analisar as abordagens do tema no campo da Ciência da Informação de modo a interpretar o que tem sido e já foi publicado sobre a temática da desinformação de gênero nesta área de conhecimento. Em um primeiro momento procurou-se discutir a desinformação, em seguida conceituar a desinformação de gênero, bem como sua relação com a violência de gênero. Os resultados da busca foram apresentados e apontam que no campo de conhecimento analisado foram encontradas poucas publicações que tratam especificamente da desinformação de gênero. Ao mesmo tempo, reforça-se que as práticas informacionais estão presentes como um fator que indiretamente contribui com o enfrentamento deste tipo de desinformação.

Palavras-chave: desinformação de gênero; violência de gênero; ciência da informação.

Abstract: Gender disinformation is considered a phenomenon triggered by male supremacists groups that aiming to attack women who do not conform to the ideals and standards they promote, which are based on physical or rooted in traditional customs. In this exploratory and qualitative study, a research was conducted using a prominent Brazilian database in the scope of Library and Information Science, applying the descriptors “disinformation” and “gender” with Boolean operator “AND” in addition to “gender disinformation”, with the purpose of analyzing what has been published on the topic of gender disinformation in Library and Information Science. At first the disinformation was discussed, then the same was made in relation to the gender disinformation topic with the goal of reaching a concept approach and its relationship with gender violence. The search results were presented in Table 1 and indicated that, during the analyzed period, few publications were found that specifically address the gender disinformation topic. Informational practices were present as a factor that indirectly contributes to addressing this particular type of disinformation.

Keywords: gender disinformation; gender violence; information science.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, a desigualdade de gênero persiste agravada pelo capitalismo e pelas diferenças de classe. Mesmo mulheres com recursos financeiros ou simbólicos, embora em posição distinta, não estão imunes a assédio e violência, como evidencia o caso da influenciadora Cíntia Chagas (Quem [...], 2024). Sob a ótica interseccional, contudo, raça e orientação sexual tornam mulheres negras e LGBTQI+ ainda mais vulneráveis, além de enfrentarem maiores obstáculos para alcançar espaços de liderança e poder político (Akotirene, 2019; González, 2020). Apesar de avanços como o sufrágio feminino e leis de proteção — a exemplo da Lei Maria da Penha e da Lei Carolina Dieckmann¹ —, os direitos das mulheres seguem frágeis e sujeitos a retrocessos. Em nível global, a violência de gênero se relaciona à ascensão do conservadorismo de extrema direita (Kenway, 2022), que utiliza a desinformação para sustentar seus projetos e objetivos políticos (Brisola, 2021).

Esse fenômeno está ligado ao discurso de ódio contra grupos minorizados, em especial as mulheres, alimentado pela chamada “mano-sphere” ou “machosfera” (Kenway, 2022; Santini *et al.*, 2024). Formada por grupos masculinistas, ela difunde narrativas misóginas que distorcem os debates de gênero, atacam pautas feministas e intensificam a violência contra as mulheres.

Nesse cenário, a violência de gênero afeta especialmente mulheres negras, pobres e trans. Em 2022, mulheres negras representaram 66% das vítimas de feminicídio registradas no SUS (IPEA; FBSP, 2024). O Brasil também lidera os índices de assassinatos de pessoas trans, 93,3% dos quais atingem mulheres trans e travestis, em sua maioria jovens negras². Paralelamente, grupos conservadores de homens lucram com a desinformação e discursos de ódio, reforçando preconceitos para preservar seus privilégios.

Diante disso, este artigo analisa a relação entre discursos masculinistas e desinformação de gênero como obstáculos ao feminismo e aos direitos das mulheres. Além disso, investiga como a Ciência da Informação (CI) tem tratado essas questões, por meio de um levantamento na Base de Dados em Ciência da Informação (**BRAPCI**), buscando identificar

¹ A Lei n. 12.737, de 2012, também conhecida como Lei Carolina Dieckmann, trata sobre crimes cibernéticos, como invasão de dispositivos eletrônicos, furto de senhas, extorsão digital e divulgação de imagens ou vídeos íntimos sem consentimento.

² Tokarnia, Mariana. Com 105 mortes em 2024, Brasil é o país que mais mata pessoas trans. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-01/com-105-mortes-em-2024-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans>.

enfoques e estratégias de enfrentamento adotados nos estudos analisados.

Dessa forma, apresentam-se, a seguir, os conceitos relacionados às questões de gênero na perspectiva da desinformação, seguidos pela descrição da metodologia, análise dos resultados e, por fim, pelas considerações sobre a abordagem da temática na CI, com base no levantamento realizado na **BRAPCI**.

2 DESENVOLVIMENTO

Para compreender a desinformação relacionada às questões de gênero, é necessário contextualizar o fenômeno e sua relação com a ascensão do conservadorismo de extrema-direita. Kenway (2022) destaca que, embora haja diferenças entre a direita tradicional e a extrema-direita, ambas compartilham características comuns:

- a) tendem a se unificar pela identidade do grupo, baseada em marcadores sociais como raça, religião, gênero e nacionalidade;
- b) mobilizam-se em torno de noções de ameaça e perda;
- c) assumem posturas reacionárias, buscando restaurar uma ordem passada idealizada, na qual suas identidades eram seguras e inquestionáveis;
- d) adotam uma atitude simultaneamente defensiva, ao proteger o grupo percebido como sendo ameaçado, e ofensiva, ao normalizar a violência contra grupos rivais.

O panorama apresentado por Kenway (2022) pode ser ilustrado por grupos masculinistas, que, embora apresentem diferenças internas, convergem na defesa da superioridade masculina e integram a subcultura da *manosphere* (Kenway, 2022), também denominada 'machosfera' (Santini, 2024). Essa subcultura compartilha elementos do discurso de extrema-direita, de caráter conservador, como a centralidade do grupo masculino, que fortalece laços internos e cria um senso comum de identidade baseado na primazia do homem sobre a mulher.

Segundo Santini *et al.* (2024), a machosfera se caracteriza pelo uso de vocabulário próprio, pela definição de inimigos comuns (mulheres e homens aliados ao feminismo), por um senso de superioridade e por uma autopercepção inflada. Essa percepção é associada à ideia de deterem uma suposta verdade oculta, inacessível aos demais homens. Paralelamente, buscam mulheres consideradas de 'alto valor', isto é, aquelas que se enquadram nos ideais tradicionais de gênero defendidos pelo grupo. Esses valores têm sido amplamente difundidos nas mídias sociais, conquistando grande número de seguidores e significativa visibilidade.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Nesse contexto, a desinformação é utilizada como instrumento de lucro nas redes sociais e de retrocesso dos direitos sociais, ao manipular e deslegitimar pautas de minorias, especialmente de gênero e sexualidade (Nogueira; Domingues, 2025). Nos grupos masculinistas, as relações se estruturam pela manipulação de informações direcionada às mulheres. O grupo se beneficia dessa dinâmica, independentemente de seus membros acreditarem ou não nos discursos promovidos, evidenciando a exploração das necessidades dos indivíduos que nele interagem.

Cabe ressaltar que o termo “minoria” não se refere ao número de indivíduos, mas à vulnerabilidade derivada da subjugação de certos grupos nas relações de poder, manifestada por preconceito, discriminação, exclusão e violência simbólica, psicológica ou física (Ramacciotti; Calgaro, 2022). No Brasil, isso se aplica especialmente a mulheres, pessoas pretas, pardas e pobres, politicamente sub-representadas. Essas sub-representações configuram as minorias sociais, que, para os fins deste artigo, se relacionam às questões de gênero, em particular às mulheres, que, em um contexto de conservadorismo e misoginia marcado pela oposição político-social entre masculino/feminino e maioria/minoria, tornam-se um grupo minorizado — não pelo número de integrantes na sociedade, mas pelo seu status de subjugação nas relações de poder.

Retomando o debate sobre o uso da desinformação, o termo ganhou destaque após disputas políticas, tanto internacionais quanto nacionais, nas quais foi utilizado como recurso para vencer eleições (Brisola, 2021). Contudo, a desinformação é um fenômeno antigo e complexo (Fallis, 2015), cuja disseminação foi intensificada pelo avanço da tecnologia e pelas ferramentas algorítmicas, que refletem intenções e preconceitos humanos (Brisola, 2021).

A desinformação, embora falsa, pode ser percebida como verdadeira por reforçar visões de mundo já internalizadas pelos indivíduos (Fallis, 2015). Ela replica os mesmos processos da informação, mas com o objetivo de manipular emoções, enfraquecer o diálogo e atacar a democracia. Os agentes desinformadores, chamados “parasitas da verdade” (Kenway, 2022), utilizam essas estratégias para obter ganhos pessoais, criando bolhas de informação e estimulando o ódio contra “bodes expiatórios”. Nogueira e Domingues (2025) destacam que a desinformação não ocorre de forma neutra, mas reflete disputas sociais e políticas, sendo que informação e desinformação se opõem: esta última frequentemente se apresenta como informação, sobretudo quando direcionada contra grupos engajados em causas de gênero e sexualidade.

A título de curiosidade, um tipo de desinformação chamado *deepfake* surgiu com a divulgação de vídeos pornográficos nos quais rostos de atrizes famosas eram manipulados e inseridos em clipes já existentes (Brisola, 2021). Isso evidencia que a desinformação pode ser utilizada para subjugar a figura da mulher, por meio da idealização de sua imagem, que a sexualiza, e ao tratá-la como mero objeto de interesse, ignorando seu caráter de indivíduo presente na sociedade. Em síntese, quando a manipulação ou o esvaziamento do sentido da informação é direcionado às mulheres, a desinformação assume um caráter específico: a desinformação de gênero, tema que será aprofundado a seguir.

2.1 Interações e distinções entre desinformação e desinformação de gênero

A desinformação de gênero compartilha características com outras formas de desinformação, como a promoção de interesses ideológicos e econômicos, distinguindo-se pelo direcionamento específico a ataques contra mulheres, com maior incidência sobre mulheres negras e trans. Esse tipo de desinformação fomenta a violência de gênero e enfraquece a democracia ao distorcer informações para deslegitimar a atuação feminina, inclusive em posições de poder (Di Meo, 2023). O estudo de Santini *et al.* (2024), por exemplo, identificou em canais do YouTube discursos de ódio contra mulheres que geraram monetização por meio da venda de cursos, anúncios e outras estratégias de marketing.

O desleixo das plataformas online em relação a essa pauta pode ser percebido em questões que envolvem tanto mulheres quanto homens, como no caso de adolescentes expostos a conteúdos machistas em redes sociais como o *TikTok*. Uma investigação da revista *AzMina* (Santos; Schurig, 2025) revelou que, mesmo sem buscar ativamente esse tipo de conteúdo, os algoritmos rapidamente direcionavam os usuários a publicações com discursos conservadores e misóginos, que exaltam a superioridade masculina e julgam a vida sexual das mulheres.

A exposição de adolescentes — especialmente aqueles em fase de transição da infância para a vida adulta, quando estão formando caráter, identidade e sexualidade — a conteúdos que promovem ódio às mulheres pode reforçar discursos de superioridade masculina. Isso contribui para a naturalização da dominação masculina, alimentando práticas como a objetificação das mulheres, a cultura do estupro, a violência de gênero e até a violência política de gênero.

É relevante destacar a definição de violência de gênero como “[...] uma grave forma

de **violência contra a mulher** fundamentada na produção e disseminação de conteúdos informacionais deturpados e manipulados com o propósito de prejudicá-las” (Acquolini; Sousa, 2022, p. 40, grifo da autora). Nesse sentido, a desinformação de gênero apresenta um agravante em relação à desinformação em geral: a violência — psicológica ou física — que pode colocar em risco a vida das mulheres. Além disso, apoia-se em narrativas, linguagens e discriminações de gênero já existentes para alcançar objetivos sociais e políticos, como a manutenção do status quo da desigualdade de gênero ou a formação de um eleitorado mais polarizado (Thakur; Handerson, 2021).

Portanto, um dos desdobramentos da desinformação de gênero é a violência política de gênero. Mesmo quando mulheres alcançam cargos parlamentares, sua representatividade permanece reduzida, sobretudo no caso de mulheres negras e LGBTQIA+. No cenário global, o Brasil ocupa a 142ª posição no Mapa de Mulheres na Política da ONU, entre 191 países, e, na América Latina, está em 9º lugar entre 11 países (ONU Mulheres, 2021).

Se, por um lado, o ingresso das mulheres na política já é dificultado por uma série de fatores — incluindo raça, classe e orientação sexual —, por outro, sua permanência torna-se ainda mais desafiada quando a desinformação entra em cena. Diversas parlamentares brasileiras já foram alvo desse fenômeno. Di Meco (2023), por exemplo, analisa casos de mulheres atingidas pela desinformação de gênero, como o de Manuela D’Ávila, candidata à vice-presidência do Brasil em 2018. Ela relatou ter recebido ameaças de morte, inclusive contra sua filha, o que a levou a considerar abandonar a política e deixar o país para proteger a integridade de sua família.

A criação e implementação de políticas públicas que promovam maior equilíbrio entre os sexos e ações eficazes para a erradicação da violência costumam ser bandeiras de diversas parlamentares. Por isso, a desinformação direcionada às mulheres é especialmente prejudicial. A ONU Mulheres (2021, p. 33) define a violência política de gênero como:

A violência contra as mulheres na vida política pode ser entendida como qualquer ato ou ameaça de violência de gênero que resulte em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico às mulheres, que as impeça de gozar de seus direitos políticos, seja em espaços públicos ou privados, incluindo o direito de ocupar cargos públicos, o direito ao voto secreto, de associação e reunião, de fazer campanha livremente e exercer sua liberdade de expressão.

Compreende-se que a desinformação voltada a atacar a participação e o ingresso de mulheres na política enfraquece a democracia, pois reforça a dominação masculina nos espaços de poder (Di Meco, 2023). Nesse cenário, torna-se necessário tratar esse tipo de

desinformação de forma específica, dado seu direcionamento contra as mulheres. É fundamental responsabilizar aqueles que propagam discursos de ódio contra minorias, uma vez que não se pode invocar a liberdade de expressão para justificar violações à dignidade de determinados grupos (Bernardino; Sampaio, 2024).

Ainda em relação ao conceito de desinformação de gênero, esta “pode ser utilizada também contra homens e pessoas de outras identidades de gênero, pois seu propósito final é reduzir a participação pública e limitar a diversidade de vozes e opiniões por meio do reforço de papéis historicamente atribuídos a homens e/ou a mulheres” (Cintra *et al.*, 2025). Mesmo que o foco deste estudo seja a desinformação que atinge as mulheres; contudo, ressalta-se que ela também pode ser direcionada contra qualquer corpo que desafie as performances tradicionais associadas aos papéis de gênero.

Na perspectiva de Judson *et al.* (2020, p. 7, tradução livre), no contexto digital, a desinformação de gênero online existe na intersecção da desinformação com a violência online, como abuso e assédio: ela busca impactar principalmente no nível político, embora também possa causar danos graves no nível pessoal. Como já exposto, a desinformação de gênero é, também, um desdobramento da violência de gênero, que representa riscos coletivos ao atacar e deslegitimar movimentos sociais de luta das mulheres e, no nível individual, provoca danos físicos e psicológicos a elas.

Federici (2023) aponta que a feminilidade é um imaginário construído pelo capitalismo com o objetivo de submeter as mulheres a uma pressão estética inalcançável. Nessa dinâmica, o corpo da mulher ocupa para ela o mesmo lugar que a fábrica para o homem: principal espaço de exploração, mas também de resistência. Além disso, a objetificação e sexualização do corpo feminino são introjetadas nas crianças desde tenra idade. Grupos que pregam a supremacia masculina reforçam esse discurso ao exaltar a beleza e o comportamento dócil, enquanto direcionam ódio e julgamentos às mulheres que rompem com esse estereótipo.

Nesse sentido, estudos sobre desinformação de gênero destacam a importância de compreender de forma mais horizontal como a desinformação possui uma “dimensão de gênero e como esse fenômeno se encaixa no quadro mais amplo do retrocesso democrático e das tentativas de restringir a liberdade, os direitos das mulheres e a igualdade de gênero” (Tzvetkova, 2024, p. 15).

2.2 Procedimentos metodológicos

A partir das premissas sobre desinformação e desinformação de gênero, surgem questionamentos sobre como a Ciência da Informação aborda esses fenômenos e quais estratégias utiliza em seu enfrentamento. Nesse sentido, buscou-se analisar de que forma a área tem se dedicado à desinformação de gênero e temas correlatos.

Quanto à metodologia, a pesquisa é exploratória, por buscar maior aproximação com o problema de estudo e torná-lo mais explícito (Gil, 2022), e de natureza qualitativa, pois se concentrou na análise de conteúdo dos trabalhos, em vez de comparações estatísticas. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico na BRAPCI, base que indexa artigos e amplia o acesso à produção científica, sendo uma fonte relevante para a CI no Brasil.

Optou-se por buscar o termo “desinformação de gênero” e a combinação com o operador booleano “desinformação AND gênero”. Considerando que houve um debate aprofundado e epistemologicamente estruturante sobre o conceito de desinformação de gênero, não foi definido um recorte temporal, incluindo-se todos os trabalhos disponíveis, independentemente do ano de publicação. Realizou-se a leitura dos resumos para verificar se, mesmo sem os descritores no título ou nas palavras-chave, o estudo abordava a temática da desinformação direcionada às mulheres. Isso se justifica pelo fato de que a CI investiga a desinformação sob diferentes perspectivas, como a categorização e análise de seus tipos (Brisola, 2021). Essa produção evidencia a necessidade de ampliar investigações e reforça a importância de explorar como a desinformação se manifesta especificamente nas questões de gênero.

2.3 Resultados

Na pesquisa utilizando o descritor “desinformação de gênero”, foram encontrados apenas dois resultados, ambos artigos do Enancib. Quando as palavras foram pesquisadas separadamente, com o uso do operador booleano AND, obtiveram-se quinze resultados.

Dessa totalidade de resultados, foram encontrados trabalhos que se relacionavam ao assunto desinformação, sendo que uma quantidade significativa trata da questão da desinformação especialmente a relacionada ao período pandêmico, bem como outros abordam o *fact checking* e o papel do jornalismo no combate às *fake news*. Dessa forma, foram descartados os trabalhos em que a desinformação não incorpora o viés de gênero. Após a aplicação desse filtro, os resultados indicam, de modo geral, a escassez de estudos sobre

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

desinformação de gênero, evidenciando a necessidade de inovação e de aprofundamento da reflexão sobre o tema a partir das contribuições da Ciência da Informação.

No Quadro 1, apresentam-se e sistematizam-se os dados das publicações — incluindo título, autores, revista ou evento, abordagem da desinformação de gênero e assuntos tratados — abrangendo cinco trabalhos com relação direta ou indireta aos termos pesquisados. Os assuntos foram categorizados com base na leitura dos resumos. A seguir, analisam-se as abordagens desses artigos para compreender de forma mais específica às reflexões e temáticas presentes no campo de estudo.

Quadro 1 – Desinformação de gênero na BRAPCI

Título	Autor(es)	Local e ano de publicação	Aborda a desinformação de gênero?	Assunto
Desinformação de gênero: práticas informacionais que contribuem ao seu combate	Acquolini, Sousa	Enancib, 2022	Sim	Desinformação de gênero e práticas informacionais
Tendências em pesquisas em desinformação de gênero na Web of Science e Scopus	Viana, Lima, Arruda, Miranda	Enancib, 2023	Sim	Estudos sobre Desinformação de gênero em bases de dados
Não tolerarei!: desinformação e limítrofes informacionais impostos a parlamentares transexuais brasileiras	Bernardino, Sampaio	Enancib, 2024	Sim	Aborda a desinformação de gênero voltada para as mulheres trans
Abordagens políticas nos estudos de práticas informacionais: aproximações com os ODS da agenda 2030	Santos, Mata	Conhecimento em Ação, v. 9, 2024	Não, porém aponta que a questão de gênero e desinformação como resultados analisados no estudo	Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável e formulação de políticas públicas baseadas em práticas informacionais
A competência em informação em portais governamentais de países com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	Oda, Martins, Schäfer e Vitorino	RBBD, v. 21, 2025	Sim, indiretamente, pois indica que a COINFO está relacionada à igualdade de gênero e ao combate à desinformação, características observadas nos países analisados.	Competência em informação

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Entre os textos destacados no Quadro 1, a pesquisa de Oda *et al.* (2025), publicada na

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

RBBB, relaciona os 10 países com maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) à competência em informação (COINFO). Embora não tenha como objetivo discutir a desinformação de gênero, os resultados indicam que a igualdade de gênero e o combate à desinformação estão presentes no contexto da COINFO.

Por sua vez, o trabalho de Santos e Mata (2024) refletiu sobre as práticas informacionais relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030. Entre os temas mais recorrentes em buscas realizadas em bases de dados nacionais e internacionais entre 2019 e 2022, destacam-se: migração, gênero, desinformação, saúde e religião. Isso reforça que, para atingir os objetivos da Agenda 2030, é necessário enfrentar a desigualdade de gênero e a desinformação, questões que a CI tem investigado em sua agenda de pesquisa.

No estudo de Bernardino e Sampaio (2024), as autoras demonstram como a violência de gênero constitui um viés da desinformação de gênero, destacando ataques dirigidos a parlamentares trans e os limites informacionais a que estão sujeitas. Segundo elas, esse tipo de desinformação prejudica a sociedade, pois dificulta o acesso de pessoas trans a espaços de poder que possibilitam a formulação de políticas públicas inclusivas. As autoras ainda apontam que a aprovação da PL das *Fake News* e a implementação de legislação efetiva para garantir os direitos das pessoas trans constituem estratégias de enfrentamento à desinformação de gênero, tanto para mulheres trans quanto cisgênero.

No estudo de Acquolini e Sousa (2022), apresentado no Enancib, as autoras investigaram práticas informacionais voltadas ao combate à desinformação de gênero, analisando postagens de quatro perfis feministas no Instagram. Os conteúdos abordam temas como violência contra a mulher, empoderamento, representatividade feminina, mulheres indígenas, gordofobia, diversidade e liberdade sexual, misoginia e machismo. Embora o objetivo não fosse diretamente enfrentar a desinformação de gênero, os perfis cumprem esse papel de forma indireta, ao disseminar informações formativas que contribuem para a equidade de gênero e a redução da violência contra a mulher. Destaca-se ainda o grande número de seguidores e o alto engajamento dessas publicações, com curtidas, compartilhamentos e comentários significativos.

Por fim, o artigo de Viana, Lima, Arruda e Miranda (2023), apresentado no Enancib, analisou tendências de pesquisa em desinformação de gênero nas bases *Web of Science* e *Scopus* entre 2019 e 2023. Os autores destacaram as palavras-chave mais recorrentes: *fake*

news, gender, politics, misinformation, social media online, feminism, Twitter, communication, media e hate speech. Com base nesses termos, observa-se que a desinformação de gênero está associada a questões políticas, vinculada à disseminação de discursos de ódio e favorecida pelo ambiente das mídias sociais, especialmente considerando a atuação de grupos de homens da machosfera, como discutido na fundamentação teórica deste trabalho.

Os resultados indicam que as primeiras pesquisas incluídas no recorte proposto neste artigo são recentes, a partir de 2022, e que o volume de publicações ainda é pequeno, especialmente devido ao enfoque específico na desinformação de gênero. Contudo, observa-se que as práticas informacionais aparecem como um elemento recorrente em alguns estudos, os quais mostram que, embora certas páginas de redes sociais não tenham como objetivo reduzir a desinformação de gênero, acabam atuando como fontes de informação que promovem a igualdade de gênero e denunciam conteúdos falsos ou distorcidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desinformação de gênero está relacionada ao ambiente digital, especialmente à veiculação de notícias falsas e discursos de ódio dirigidos a mulheres que não se enquadram nos padrões defendidos por grupos masculinistas. Seus impactos são prejudiciais, pois, além de tornarem as mulheres alvo de violências, enfraquecem a democracia, dado que a participação feminina em cargos políticos — especialmente aquelas comprometidas com agendas progressistas e com recortes de classe, raça e orientação sexual — ainda é muito limitada.

A necessidade de compreender e analisar esse fenômeno é evidente e, conforme apontam os trabalhos analisados, a CI pode contribuir para o enfrentamento desse problema social a partir de uma interpretação crítica da realidade. A interdisciplinaridade também se mostra uma aliada, considerando que diversos conteúdos desinformativos circulam nas redes sociais e podem ser encontrados em mídias como jornais ou sites de notícias.

Em um dos trabalhos destacados neste artigo, que aborda as tendências de pesquisa em desinformação de gênero nas bases *Web of Science* e *Scopus*, foi indicado que a intenção era analisar uma base de dados brasileira, a BRAPCI; entretanto, em 2023, não foi encontrado nenhum estudo sobre o tema. Observa-se que, do ponto de vista temporal, houve avanços nas contribuições sobre desinformação de gênero, com a identificação de três trabalhos brasileiros do Enancib que tratam especificamente do assunto. Vale destacar que essas

pesquisas fazem parte do corpus do GT 12, evidenciando que estudos sobre questões de gênero têm se inserido na Ciência da Informação brasileira, especialmente sob a perspectiva da desinformação, ainda que de forma recente e verticalizada. Além disso, os estudos indicam que o enfrentamento do tema envolve aspectos relacionados à competência em informação e ao pensamento crítico em informação.

Sugere-se a continuidade, o aprofundamento e a ampliação das pesquisas sobre desinformação de gênero no campo da CI, com o objetivo de possibilitar uma exploração mais verticalizada de temas correlatos, como suas relações com a misoginia, a violência política de gênero, entre outros, de modo a refletir e promover ações que contribuam para a superação das desigualdades sistêmicas na sociedade. Além disso, estudos futuros podem aprofundar a compreensão do papel da CI no enfrentamento desse fenômeno, incluindo políticas e práticas que tratem a questão em diálogo com a sociedade.

REFERÊNCIAS

ACQUOLINI, Nicole Tirello; SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de. Desinformação de gênero: práticas informacionais que contribuem ao seu combate. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...] São Paulo: Ancib, 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen; São Paulo: Sueli Carneiro, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SAMPAIO, Denise Braga. Não tolerarei!: desinformação e limítrofes informacionais impostos a parlamentares transexuais brasileiras. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais** [...]. São Paulo: Ancib, 2024.

BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano**: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. Orientador: Marco André Feldman Schneider. 2021. 295 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165>. Acesso em: 19 set. 2024.

DI MECO, Lucina. **Monetizing misogyny**: gendered disinformation and the undermining of women's rights and democracy globally. [S. l.]: She Persisted, 2023.

FALLIS, Don. What is disinformation? **Library Trends**, [S. l.], v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. [S. l.]: Editora Elefante, 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. *E-book*.

QUEM é Cíntia Chagas, influenciadora que acusou deputado Lucas Bove de violência doméstica. **G1 Minas Gerais**, Belo Horizonte, 12 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/10/12/quem-e-cintia-chagas-influenciadora-que-acusou-deputado-lucas-bove-de-violencia-domestica.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2025.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FBSP - FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da violência 2024**. Brasília, DF: IPEA: FBSP, 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

KENWAY, Jane. Truth parasites, right-wing fury and the predicaments of feminist expertise. *In: BURKE, Penny Jane et al. Gender in an era of post-truth populism: pedagogies, challenges and strategies*. [S. l.]: Bloomsbury Publishing, 2022.

JUDSON, Ellen; ATAY, Asli; KRASODOMSKI-JONES, Alex; LASKO-SKINNER, Rose; SMITH, Josh. **Engendering hate: the contours of state-aligned gendered disinformation online**. London: Demos, 2020. Disponível em: <https://demos.co.uk/wp-content/uploads/2020/10/Engendering-Hate-Report-FINAL.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.

NOGUEIRA, Cibele Andrade; DOMINGUES, Roger Pereira. Desinformação, feminismo e parasitas da informação: o papel da ciência da informação na promoção da integridade informacional de gênero. *In: SILVEIRA, Jader Luís (org.). Biblioteconomia e informação: contemporaneidades*. Formiga, MG: Editora Uniesmero, 2025. p. 35-53. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/921258/2/Biblioteconomia%20e%20Informação%20Contemporaneidades.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ODA, Rafael *et al.* A competência em informação em portais governamentais de países com alto índice de desenvolvimento humano (IDH). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, SP, v. 21, 2025.

ONU MULHERES. **Brasil ocupa a 133ª posição no ranking global de representação parlamentar de mulheres**. 2021. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/brasil-ocupa-a-133a-posicao-no-ranking-global-de-representacao-parlamentar-de-mulheres/>. Acesso em: 24 maio 2025.

RAMACCIOTTI, Barbara Lucchesi; CALGARO, Gerson Amauri. Construção do conceito de minorias e o debate teórico no campo do Direito. **Sequência Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 42, n. 89, p. 1–30, 2022. DOI: 10.5007/2177-7055.2021.e72871. Disponível

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/72871>. Acesso em: 20 maio 2025.

SANTINI, R. Marie *et al.* **“Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”**: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab UFRJ, 2024.

SANTINI, R. Marie *et al.* **Orquestração multiplataforma da misoginia**: o caso Marcius Melhem. Rio de Janeiro: NetLab UFRJ, 2023. Disponível em: <https://netlab.eco.ufrj.br/post/orquestracao-multiplataforma-da-misoginia-o-caso-marcius-melhem>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SANTOS, Flávia; SCHURIG, Sofia. Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros. **AzMina**, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/como-o-tiktok-alimenta-a-misoginia-entre-adolescentes-brasileiros/>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS, Júlia Schettino Jacob dos; MATA, Marta Leandro da. Abordagens políticas nos estudos de práticas informacionais: aproximações com os ODS da agenda 2030. **Revista Conhecimento em Ação**, [S. l.], v. 9, p. e65885, 2024.

THAKUR, Dhanaraj; HANKERSON, DeVan Hankerson. **Facts and their discontents**: a research agenda for online disinformation, race, and gender. Washington, DC: Center for Democracy & Technology, 2021.

TZVETKOVA, Gergana. Applying a Gender Lens to the Study of Misinformation and Disinformation. **Suvremeni Mediteran**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 15-34, 2024.

VIANA, Anna Raquel de Lemos *et al.* Tendências de pesquisas em desinformação de gênero na Web of Science e Scopus. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, São Cristóvão. **Anais** [...]. São Paulo: Ancib, 2023.